



Diálogos colaborativos entre sons e empoderamento: Ciclo Sônicas, Festival Sonora Ciclo Internacional de Compositoras edição Porto Alegre e Girls Rock Camp Porto Alegre

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO: A PRODUÇÃO MUSICAL E SONORA DE MULHERES

Isabel Porto Nogueira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – isabel.isabelnogueira@gmail.com

Isadora Nocchi Martins

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - isadoranmartins@gmail.com

Resumo: Este artigo pretende apresentar e discutir sobre três propostas de festivais e ciclos envolvendo sons e músicas de mulheres, trabalho colaborativo e ativismo, realizados em Porto Alegre no âmbito universitário e fora dele, nos quais estivemos envolvidas de diferentes maneiras. A partir das reflexões sobre os eventos, tecemos relações com a bibliografia sobre feminismo e música, os elementos dialógicos e a relação entre teoria e prática, identificando nossos próprios processos e atravessamentos como participantes e organizadoras dos eventos.

Palavras-chave: Feminismo. Artivismos. Festivais. Música e Gênero.

Collaborative Dialogues Between Sounds and Empowerment: Sônicas Cycle, Sonora Festival International Cycle of Women Composers Porto Alegre Edition and Girls Rock Camp Porto Alegre

Abstract: This article intends to present and discuss about three proposals of festivals and cycles involving sound and music made by women, collaborative work and activism, made in Porto Alegre, at the university and outside it, in which we've been involved in different ways. From observation of the events, we make relations with the bibliography about feminism and music, the dialogical elements, and the relation between theory and practice, identifying our own processes and crossing points as participants and organizers of the events.

Keywords: Feminism. Artivismos. Festivals. Gender and music.

1. Introdução

Este artigo pretende apresentar e discutir sobre três propostas de festivais e ciclos envolvendo sons e músicas de mulheres, trabalho colaborativo e empoderamento feminino, realizados no âmbito universitário e fora dele, do qual estivemos envolvidas de diferentes maneiras.

Nosso lugar de fala é de mulheres brancas, com diferentes idades e trajetórias, mas ambas de classe média, do sul do Brasil, com envolvimento acadêmico, relações com criação sonora e tecnologia e trajetórias artísticas desenvolvidas fora da universidade.

Buscaremos tratar destas experiências observando seus procedimentos, a forma como abordam o som, o trabalho colaborativo e o empoderamento feminino a partir do olhar e



das experiências de cada uma de nós, tecendo reflexões apoiadas na bibliografia que adotamos como referência.

Em nosso trabalho, escolhemos utilizar bibliografia escrita por mulheres, e que apresentem o feminismo, as redes e os processos educativos feministas como seus principais focos de interesse.

Encerramos o artigo buscando refletir sobre que forma estes ciclos e festivais nos atravessam e modificam, contribuindo para nossa prática diária como musicistas, pesquisadoras, feministas e pessoas que tem uma atuação dentro e fora do ambiente acadêmico.

2. Apresentação dos festivais e ciclos

Girls Rock Camp Porto Alegre

Em janeiro de 2017 realizou-se a primeira edição do Girls Rock Camp em Porto Alegre, projeto que foi planejado desde o final de 2015 por uma equipe composta por Liege Milk, Lisi Zilz, Leticia Rodrigues, Joana Ceccato, Isadora Nocchi Martins, Desireé Marantes, Julia Barth, Maria Luiza Sacknies, Simone Paixão de Oliveira e Brunella Martina. Entre 23 e 27 de janeiro, as trinta campistas inscritas, meninas entre sete e dezessete anos, tiveram aulas do instrumento que escolheram (baixo, guitarra, bateria, vocal e teclado), formaram seis bandas e criaram um nome, um logo e uma música. Além disso, realizaram oficinas de fanzine, imagem e identidade, expressão corporal, defesa pessoal, palco e performance, composição musical sintetizadores e stêncil. Ao final da semana, as meninas ainda realizaram um show aberto a toda comunidade, para apresentar suas criações.

A segunda edição ocorreu entre 22 e 26 de janeiro de 2018, com vagas para 40 campistas, sendo 10 delas bolsistas. O formato seguiu o mesmo, e foram realizadas oficinas de comunicação não-violenta, ritmo e compasso, composição musical, defesa pessoal, fanzine, imagem e identidade, stêncil, palco e performance, acroyoga e pedais e efeitos.

O primeiro Girls Rock Camp iniciou com o nome de Rock n Roll Camp For Girls, em 2001, na cidade de Portland/EUA. É um acampamento diurno para meninas que tem como objetivo reunir garotas que queiram aprender a tocar instrumentos e mulheres que estejam animadas para ensinar, ou seja, uma rede feminina. Durante uma semana, as garotas aprendem a tocar um instrumento, participam de diversas oficinas e, ao final da semana, se apresentam com sua banda e mostram uma música autoral. Assim, o Girls Rock Camp tenta fazer com que o mundo do rock, mais as questões de gênero, sejam integrados e que, ao mesmo tempo, encontrem estratégias positivas para aumentar a autoestima de garotas.



O projeto se espalhou a partir da Girls Rock Camp Alliance, uma organização que busca dar ajuda e apoio para que se criem diversos Camps pelo mundo. Em 2013, foi realizado o primeiro Girls Rock Camp Brasil, na cidade de Sorocaba/SP, onde ocorre anualmente desde então. Como já dito anteriormente, desde 2017 também é realizado o Girls Rock Camp Porto Alegre.

As voluntárias do projeto passam por um breve treinamento para que sejam passados os valores do Camp e dicas de como lidar com as campistas. As ideias do respeito às campistas, suas falas, gostos e desejos, estimular, incentivar sua criatividade, sem julgamentos prévios, valorizando e apoiando o que elas fazem são itens que descrevem de forma prática, direta, objetiva e cotidiana o que muitos dos textos sobre empoderamento, feminismo e igualdade de gênero falam.

Sonora Ciclo Internacional de Compositoras Edição Porto Alegre

O Sonora é um festival internacional de compositoras, criado no Brasil e organizado de forma colaborativa por autoras/produtoras em diversas cidades do mundo. O Ciclo reconhece a presença desigual de mulheres no mercado musical, e como isto afeta a ausência de modelos, reforçando mitos de incapacidade feminina em atuar como instrumentistas, regentes, arranjadoras e compositoras. A partir deste incômodo, formou-se uma rede online de mulheres, que, a partir da troca de ideias, deu início ao Sonora Ciclo Internacional de Compositoras. Para promover uma edição do Ciclo, é preciso haver uma disponibilidade e uma candidatura, e cada compositora ou produtora será responsável pela realização do Ciclo em sua cidade, comprometendo-se à enviar posteriormente o material de divulgação e documentação do evento para a coordenação geral. A decisão sobre como organizar o Ciclo, em termos de atividades e duração compete também à cada cidade, mantendo o foco e destaque para as compositoras que irão enviar seus trabalhos para o Festival. Organizamos em Porto Alegre as edições de 2016, com a ajuda de Julia Barth e Mariana Bandarra e 2017, com a ajuda de Lisi Zilz, Letícia Rodrigues e Bê Smidt. No primeiro ano, as compositoras foram chamadas por meio de convite, e, no segundo ano, por meio de edital online, resultando em atividades durante quatro dias em cada uma das edições.

Ciclo Sônicas

O projeto pretende realizar um ciclo de concertos de músicas de mulheres no Instituto de Artes da UFRGS, a constituição de um grupo para criação e performance de música eletroacústica e experimental e a realização de oficinas de música e tecnologia para



mulheres dentro do Instituto de Artes da UFRGS, e fora dele, para meninas cursando o ensino médio. O projeto inclui e destina-se para aquelas pessoas nascidas mulheres e/ou auto identificadas como mulheres. Tem como objetivo geral promover a visibilidade e a inclusão de práticas musicais e sonoras, eletrônicas e eletroacústicas para as mulheres, valorizando sua produção. Neste momento do trabalho, vamos nos ater ao Ciclo Sônicas, tendo em vista que as oficinas estão em processo de elaboração e o trabalho com o grupo para criação e performance de música eletroacústica e experimental será foco de um artigo específico.

A produção das compositoras e artistas sonoras tem estado historicamente ausente e invisibilizada no âmbito dos livros e estudos sobre produção musical, história da música e composição musical, o que justifica um trabalho de levantamento, reconhecimento e visibilidade desta música, suprimindo ausências e problematizando os silenciamentos. Ao mesmo tempo, o projeto não busca apenas um esforço compensatório, mas objetiva oportunizar a inclusão e fomento desta produção nos lugares de prática musical, a visibilidade das redes existentes e o surgimento de novas redes de colaboração, aliado à possibilidade de reflexão no ambiente acadêmico sobre as motivações, trajetórias e implicações destes processos artísticos.

3. Entrelaçamentos entre experiências, teorias, atravessamentos e aprendizados

O Girls Rock Camp lida diretamente com educação de meninas, posto que o foco central são as campistas, o desenvolvimento de seus projetos musicais, a composição da música e a apresentação ao público.

No final de semana anterior à chegadas das campistas, acontece uma oficina de preparação para as monitoras, com base em um manual de conduta previamente distribuído e discutido presencialmente, item por item, entre todas as pessoas durante estes dois dias.

O manual é elaborado por tópicos e aborda a necessidade da adoção de comportamentos e posturas respeitadas com as diferenças de gênero, raça, etnia e preferências musicais, evitar elogios sobre a aparência da campista e ao invés disto incentivar seu processo criativo, praticar a escuta e priorizar a experiência musical das campistas, deixando, durante aquela semana, seu ego do lado de fora do Camp.

Para nós, priorizar a escuta, elemento reforçado diversas vezes, foi talvez uma das práticas mais transformadoras durante aquela semana. Apesar de praticar este estado de escuta durante nossos processos criativos e buscar ter também esta postura no âmbito acadêmico, priorizar o não falar significava focar diretamente o processo criativo das meninas, sem



compará-las a um glossário-dicionário-enciclopédia da linguagem musical que elas deveriam adquirir teoricamente e praticar tecnicamente antes de abordar criativamente o som.

Observamos o quanto a academia onde estamos inseridas trabalha com a ideia de formatação em seus currículos, adotando formatos prévios e repertórios pré determinados, e o quanto propaga a ideia de que os alunos devem passar por toda uma longa fase de aceitar e seguir o que seus professores indicam – vivenciando não raras vezes situações de assédio moral – e o quanto sua personalidade, sua trajetória musical, sua criatividade e seus anseios e desejos são convidados nada gentilmente a permanecer fora do ambiente acadêmico.

Os jogos de poder praticados neste âmbito se traduzem nas estruturas dos grupos de pesquisa, das autoridades e domínios das disciplinas, nas aulas construídas sobre um professor que fala, e os alunos escutam, nos repertórios interpretados, escutados ou analisados, que são invariavelmente de compositores homens, com talvez as exceções de Hildegard von Bingen, Clara Schumann, Fanny Mendelssohn e Chiquinha Gonzaga.

Sobre a questão da importância dos saberes localizados versus o método científico como lugar de poder e perspectiva parcial, Haraway destaca:

Portanto, da perspectiva extremista dos construcionistas sociais, porque deveríamos ficar acuados pelas descrições dos cientistas sobre sua atividade e seus feitos? Eles e seus patronos têm interesse em jogar areia em nossos olhos. Eles contam fábulas sobre a objetividade e o método científico para estudantes nos primeiros anos de iniciação, mas nenhum praticante das altas artes científicas jamais seria apanhado pondo em prática as versões dos manuais. Os adeptos da construção social deixam claro que as ideologias oficiais sobre a objetividade e o método científico são péssimos guias, particularmente no que diz respeito a como o conhecimento científico é realmente fabricado. Quanto ao resto de nós, há uma relação muito frouxa entre o que os cientistas acreditam ou dizem acreditar e o que eles realmente fazem (Haraway: 1995:9).

A organização adotada no Camp, delimitando equipes para cada função, enfatizando a necessidade do diálogo, e trabalhando sobre a prática de oferecer e pedir ajuda sempre que necessário, estão muito próximas das colocações de bell hooks sobre uma educação transgressora.

bell hooks observa que “fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia transformadora” (hooks, 2013: 56). Esta responsabilidade com a contribuição apenas pode aparecer, segundo o que observo, se as pessoas percebem seus saberes como importantes, e não eternamente devedores de um repertório ou técnica instrumental do qual não se sentem participantes.

Ao mesmo tempo, um dos focos fundamentais do Camp é a conscientização e desconstrução crítica sobre os comportamentos femininos e a valorização da diversidade, trazendo diferentes mulheres para o trabalho de voluntariado e apresentando uma diversidade



de bandas, cantoras e compositoras para esta semana, seja nos shows ao vivo seja nos exemplos mostrados durante as oficinas.

Desta forma, a ênfase recai sobre a auto expressão a valorização do processo criativo, buscando romper com os ciclos de medo e culpa que impedem a presença das vozes das mulheres no mundo.

Corroborando para a ideia da criação que combate os apagamentos, invisibilizações e propõe ser uma voz de preservação e autonomia, Anzaldúa refere, a partir de uma perspectiva decolonial:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (Anzaldúa: 2000: 232).

Substituindo escrever por tocar ou compor, pensamos neste paralelo, sobre como a criação sonora está relacionada aos processos de auto descoberta, no ordenamento do mundo e na desconstrução crítica sobre padrões apreendidos.

Durante as experiências que tivemos no Camp, percebemos que estabelecemos ligações mais fortes entre os textos teóricos e as vivências práticas, vivenciando os tempos do diálogo e da consulta permanente entre todas as mulheres do grupo para checagem das informações.

Ao mesmo tempo, revisitamos nossos próprios processos de auto cobrança e exigência constantes, pensando em como nossas práticas muito rapidamente focam em buscar trabalhar mais e produzir mais, e percebemos de forma muito profunda como a necessidade de acolhimento começa conosco, e se estende de forma horizontal em nossos cotidianos, atuação acadêmica e produção teórica e artística.

Seja nas nossas produções artísticas com as pessoas que estão presencialmente nos coletivos onde atuamos, seja nas colaborações à distância com outras artistas; percebemos o processo de reflexão e desconstrução constante, do qual o gênero faz parte, como profundo impulsionador dos movimentos criativos.



No âmbito do Festival Sonora Porto Alegre Ciclo de Compositoras e do Ciclo Sônicas, o enfoque esteve e está na mostra da produção de mulheres compositoras, no entanto buscamos enfatizar a importância do processo e dos elementos dialógicos, criativos, horizontais e empoderadores para todas as pessoas participantes, sejam elas artistas, público ou organizadoras.

O Festival Sonora Porto Alegre é uma ação local de um projeto nacional e internacional, e acontece por meio de edital público, onde as compositoras se inscrevem e não existiram, nas edições de 2016 e 2017, processos seletivos. No Ciclo Sônicas, as atividades estão iniciando em 2018 e estão sendo organizadas por curadorias convidadas, com vistas a incrementar e contribuir para a discussão sobre a desigualdade de gênero no âmbito acadêmico.

Os processos de empoderamento feminino observados nessas três iniciativas são especialmente interessantes de se observar por não ficarem restritos apenas às participantes dos projetos, como as campistas e as musicistas e compositoras convidadas para os Ciclos. É um processo que perpassa toda a organização dos eventos e que é sentido, inclusive, pelas equipes organizadoras.

Os exemplos práticos que buscamos dar para as campistas do Girls Rock Camp são vistos e absorvidos também pela equipe de voluntárias. O mesmo acontece nos Ciclos. Quando oportunizamos que tantas mulheres mostrem suas produções e seus conhecimentos, muitas outras podem conhecê-las, trocar saberes e experiências e, assim, auxiliamos a criação de uma rede local de mulheres em Porto Alegre.

Nas três iniciativas comentadas, o repertório interpretado é apenas uma parte do processo: a condução dialógica e a resultante empoderadora, combatendo as invisibilizações, são a resultante principal, e desta forma concordamos com Abtan, quando refere que.

Eu estava trabalhando em um circuito no meio do grupo quando de repente percebi que ao meu redor estavam doze mulheres, e todas pareciam interessadas no mesmo modo de fazer música que eu. Todas nós vivíamos na mesma cidade e eu nunca havia conhecido a maioria delas antes. Com um rápido levantar de mãos, eu perguntei quantas delas eram musicistas eletrônicas, quantas delas criavam música sozinhas, e quantas performavam. Eu fiquei surpresa ao descobrir que muitas faziam música eletrônica e tinham uma prática independente, mas quase nenhuma se apresentava publicamente (ABTAN, 2016: 4-5).

4. Considerações finais

Em um dos momentos durante o Girls Rock Campo, em Porto Alegre, Desirée Marantes (da banda Harmônicos do Universo), uma das organizadoras do selo Hérnia de Discos (organizado e gerido somente por mulheres) e parte da equipe diretiva e organizadora



do Girls Rock Camp Porto Alegre, escreve o que segue no grupo de Facebook que reunia as voluntárias do projeto:

A maior dificuldade de desenvolver algo como o que estamos fazendo juntas (e qualquer outro tipo de projeto - acreditem) não é começar e sim insistir. Insistir em seguir em frente mesmo quando o mundo/vida/a gente não está cem por cento, quando algo não deu tão certo ou correspondeu as nossas expectativas e por aí vai. As coisas demoram mesmo para acontecer e é realmente difícil acreditar que a gente muda o mundo, ainda mais quando todo dia rola um 7x1, mas enfim, queria escrever isso pra todas. E dizer que isso vale para tudo que vocês quiserem pra vida, não só pro camp. Estamos aqui para se ajudar a ter forças e insistir todo santo dia em mudar o status quo. Precisamos incluir cada vez mais e mais manas no rolê e nos ajudar a evoluirmos juntas.

Nossa participação no Camp não foi realizada da mesma forma: uma de nós atuou como parte da equipe organizadora e como voluntária, enquanto a outra atuou apenas como voluntária. Durante o Festival Sonora Ciclo Internacional de Compositoras e Ciclo Sônicas, atuamos ambas como organizadoras.

Ainda que a partir de lugares diferentes, compartilhamos reflexões e atravessamentos destes eventos com as nossas vidas, à luz dos referenciais teóricos com os quais trabalhamos no grupo de pesquisa, observando a importância das redes, como coloca Abtan:

Agora, quando alguém me pergunta como envolver mais mulheres na cultura de música eletrônica, eu tenho duas respostas: compartilhe suas habilidades, mas também: compartilhe seus amigos e amigas com elas. Lembrem que cultura é algo que construímos juntos, fazendo, e ensinando uns aos outros como fazer. Façam um workshop. Organizem alguns shows. Promovam o trabalho uns dos outros. Abram seus arquivos e mostrem o que estão criando, e mais importante, mostrem como estão criando. Ajudem uns aos outros a botarem sua arte no mundo. Não se preocupem se eles ainda não sabem como se envolver, vamos todos construir o futuro da música juntos (ABTAN, 2016: 6).

Este artigo pretendeu, através da discussão sobre os festivais realizados e refletindo sobre nossas experiências e os atravessamentos teóricos, práticos e artivistas ali entrelaçados, trazer a ideia da resistência e insistência, relacionando as práticas com as teorias, e colocando, como refere Anzaldúa, o hibridismo da reinvenção entre fronteiras como marca principal.

Referências:

- ABTAN, Freida. *Where is she? Finding the women in Electronic Music Culture*. Contemporary Music Review. Volume 35, 2016 - Issue 1
- ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. In: Revista Estudos Feminista, Florianópolis, Vol. 8 (1), p. 229-236, 2000.
- HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos pagu (5) 1995: pp. 07-41.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- NOGUEIRA, Isabel e GELAIN, Gabriela. *Girls Rock Camp promove empoderamento feminino através da música em sua edição de Porto Alegre*. São Paulo: Women Music Event,



2017. Disponível em: <http://womensmusicevent.com.br/girls-rock-camp-promove-empoderamento-feminino-atraves-da-musica-em-sua-edicao-de-porto-alegre/> . Acesso em 02 de abril de 2018

MARTINS, ISADORA NOCCHI. *Girls Rock Camp Porto Alegre: Experiências como Voluntária*. Anais do 13º Mundos de Mulheres e Fazendo Gênero 11 – “Transformações, Conexões, Deslocamentos”, 2017.